

UM BEBÊ LEITOR? ESTUDO DE CASO

PAOLA CASSURIAGA SANDIM¹;
CRISTINA MARIA ROSA²

¹Universidade Federal de Pelotas paolasandimcn@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas cris.rosa.ufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em um estudo de caso, no trabalho descrevo parte do processo de apresentação de livros literários a um bebê, ocorrida nos primeiros dezoito meses de sua vida. Nomeado *Alfabetização literária* (ROSA, 2019), atitudes, estabilidades e/ou permanências apresentadas por ele atualmente podem ser compreendidas como resultantes ou “aquisições letradas”, uma vez que foram intencionais, planejadas e não aleatórias.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) entendemos como “bebês” crianças de até 18 meses de idade. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, em seu Artigo 4º, está escrito que a criança é

“[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2009).

Ao introduzir bebês na cultura literária através de contatos frequentes e organizados com a Literatura, tem início o processo de *Alfabetização Literária* (ROSA, 2016), oportunizando que, desde muito cedo, as crianças estejam acessando parte da cultura valorizada socialmente. Nesta, o livro tem um grande valor. No entanto, sabemos que a prática de leitura e o gosto pela mesma não é inato, e precisa ser aprendido, como afirma ROSA, (2019), quando escreve que “gostar de ler (...) não é um atributo genético” e a relação entre os possíveis leitores e a leitura, “precisa ser ensinada”. Para a pesquisadora, a *Alfabetização Literária* é um processo com atributos e ritos e para que ocorra, é necessário “deliberação, constância e qualificação”, uma vez que a formação do gosto por ler literatura, não pode ser “aleatória, eventual e desprovida de critérios”.

Para SOARES (2014), aprender a ler e a escrever é parte de um processo que sim, pode iniciar bem cedo. Ela completa informando que alfabetizar-se é mais que a “aquisição do sistema alfabético e suas convenções”, uma vez que a “aprendizagem inicial da língua escrita” pressupõe a “introdução da criança às práticas sociais da língua escrita, ou, mais amplamente, à cultura do escrito” (SOARES, 2014).

Tendo como pressupostos esses princípios, percebo que as práticas sociais de leitura de variados tipos de gêneros textuais são de grande importância para que, desde bem cedo, as crianças percebam como é presente em nossa

cultura a leitura e a escrita e quanto o saber ler e escrever lhes será necessário, determinante e agradável. Mas, o que é a leitura literária? Segundo Graça Paulino é

“quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir.”

Neste caso, com bebês, qual a atitude mais eficaz? Deve-se ler **para** o bebê ou ler **com** o bebê? As duas formas podem vir a torná-lo protagonista e leitor, pois, ao receber informações dos mediadores (adultos) acerca dos processos de leitura, a criança vai ouvindo, observando, olhando e deleitando-se. Desse modo, pode desenvolver apreço, desejo e respeito pela leitura e pelo livro.

Estudiosos são unânimes em afirmar que, quando inseridos em um ambiente em que momentos de leitura acontecem frequentemente, o bebê que estiver exposto torna-se um “leitor em potencial” e será “comum” ver este bebê “lendo” quando estiver em contato com livros. Uma destas pesquisadoras é Mônica Correia Baptista (2014) que afirma que “ler desde os primeiros meses de vida tem sido um dos modos de desenvolver o gosto pela leitura e a apreciação estética, além de ampliar o vocabulário das crianças e familiarizá-las com o estilo formal da linguagem escrita”. A pesquisadora também pensa que a oferta de leitura às crianças desde tenra idade “contribui para sua formação humana, ampliando suas experiências”. (BAPTISTA, 2014). Para Mônica, cabe aos adultos a responsabilidade de garantir o contato cotidiano das crianças com diversos suportes e gêneros textuais orais e escritos, e, ainda assim, incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento e o conhecimento das crianças sobre a linguagem escrita.

2. METODOLOGIA

O estudo de caso é, de acordo com MOURA, MONTEIRO e TORMES (2018), uma possibilidade investigativa que tem como foco e objetivo “descrever e analisar o (...) objeto de pesquisa”. É uma “estratégia de investigação” que requer “imersão e desvelamento” e que exige do pesquisador, “sensibilidade e destreza quanto às interpretações e recorrências desveladas”, bem como “cuidado ético na transparência das etapas e socialização dos resultados”.

Utilizando-me desta possibilidade metodológica pela proximidade com o “caso” e tendo a autorização da responsável, no trabalho descrevo o processo de inserção de um bebê da família no uso e deleite de livros literários. Inicialmente de modo lúdico, logo percebi que poderia produzir saberes a serem vinculados a minha profissionalização, se registrasse o processo. Assim, ao iniciá-lo em um vínculo de conhecimento e deleite representado pelos muitos contatos diretos com um acervo, desde que mostrou ser capaz de manusear objetos, através de fotos, vídeos e anotações, documentei dezoito meses de apresentação intencional do livro e da leitura a um bebê.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O bebê nasceu no dia 15 de janeiro de 2020. A mãe (estudante de Psicologia), uma de suas avós (professora de Português) e uma das tias (estudante de Pedagogia) reuniram-se para, juntas, investir na *Alfabetização Literária* do pequeno. Com conhecimentos sobre a importância da literatura e da leitura desde cedo na vida das crianças, a família, desde os primeiros meses de vida, oportunizou ao bebê contato com livros-brinquedo e livros de banho em livre demanda. Nesta época percebemos que ele os colocava na boca e jogava no chão. Em algumas ocasiões, líamos para ele estes livros, indicando as letras, para que ele pudesse perceber que era ali que estavam contidas as informações que ele estava escutando. Estas leituras se davam e ainda se dão com frequência todas as noites antes de dormir e são realizadas pela mãe. Durante o dia, por outros adultos que o cercam, mas de forma mais casual. Depois do décimo primeiro mês, sempre quando ele solicita.

Além dessas interações cotidianas, algumas atitudes foram organizadas e são aqui listadas: **a)** Primeira leitura da totalidade de um livro de literatura ocorreu aos três meses de vida; **b)** Assinatura de um clube de leitura infantil, a partir do sexto mês; **c)** Recebimento e leitura do livro que chega pelo correio, indicando as letras e permitindo e incentivando o manuseio, a exploração de detalhes antes e depois da leitura, desde então; **d)** Composição de um acervo pessoal.

O foco da família foi desenvolver, no bebê, a diferença entre brinquedo e livro, inicialmente. Apesar de nas primeiras leituras ele mostrar desejo grande por “pegar e levar à boca”, com a permanência das interações e a interferência dos adultos, o bebê passou a ter outro comportamento: observamos que se sentia bem e gostava das histórias e, quanto mais ênfase vocal e expressiva na leitura, mais ele se agradava e solicitava a repetição. São processos permanentes (estabilidades) e que já indicam resultados.

Atualmente, o bebê solicita a leitura de seus livros, senta-se ao lado ou no colo do adulto que vai ler e escuta, olhando atentamente as páginas do livro, apontando e balbuciando. Há momentos em que indica estar triste e bravo pelo fim da leitura e sempre solicita que o leitor continue. Outra *estabilidade* ou *permanência* pode ser observada quando o bebê está sozinho: com os livros, realiza “leituras” acompanhadas de muitos balbucios, entonação de voz e para um público: seus bichos de pelúcia e bonecos. Ele também identifica objetos com escrita (etiquetas de roupa, embalagens de remédios e produtos de higiene) e sempre os lê, fazendo questão de mostrar para a mãe. Recentemente observamos que fica irritado por não conseguir ler de fato. Percebe que os adultos conseguem e solicita que o façam, em seu lugar.

4. CONCLUSÕES

Ao me propor a realizar um estudo de caso que descreve parte do processo de inserção de um bebê em práticas de letramento, reconheço a fragilidade do estudo por ser inicial e, ao mesmo tempo, referenciado em um familiar. No entanto, acredito que, como estudante da Licenciatura em Pedagogia e como bolsista de iniciação científica (PET/Educação), tenho condições plenas de realizar o registro, buscando manter distanciamento seguro para observar e estudar.

Como conclusão parcial, reitero a importância de tal estudo em minha formação como futura Pedagoga. Acredito que o experimento pode gerar evidências, procedimentos e orientações para que eu componha um rol de atitudes na formação de leitores. Se todas as crianças são capazes de serem

alfabetizadas literariamente, o que fazer para generalizar esse processo? Como um atributo não inato, o gostar de ler tem de ser ensinado e cabe aos professores, na escola, essa tarefa. Inserir todas as crianças na cultura escrita desde cedo é possível!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ROSA, C.M; SOUZA, Jane Felipe de; ALBUQUERQUE, S. S; CORSO, L. V. Alfabetização Literária: Bebês, leitores e livros fascinantes. Para pensar a docência na Educação Infantil. 1ed. Porto Alegre: Autores UFRGS, 2019, v. 1 p. 120-142.

MOURA, L.C.S.G. TORMES, J.R. MONTEIRO, L. ESTUDO DE CASO: UMA METODOLOGIA PARA PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Ensaio Pedagógico**, Sorocaba, v.2, n.1, p. 18-25, 2018.

LETRAMENTO. In: Glossário CEALE. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. Disponível em <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento>>. Acesso em: 25/07/2021

BEBETECAS. In: Glossário CEALE. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. Disponível em <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/bebetecas-bibliotecas-para-a-primeira-infancia>>. Acesso em: 29/07/2021

APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. In: Glossário CEALE. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. Disponível em <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/apropriacao-da-linguagem-escrita-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 29/07/2021

LEITURA LITERÁRIA. In: Glossário Ceale. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria>>. Acesso em: 30/07/2021

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **BNCC. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2017**. Brasília : MEC, SEB, 2017.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010a.